

páginas há, infelizmente, uma série de erros e de generalizações infundadas. O leitor desprevenido poderia ficar com a impressão de que as tribos índias do Brasil são todas praticamente iguais. Preferível teria sido narrar ou descrever singelamente o que a autora observou em suas visitas aos diferentes grupos, mencionando sempre o nome da respectiva tribo.

E' pena também que não tenha tido oportunidade de familiarizar-se com as fontes bibliográficas indispensáveis à discussão do assunto. Alguns dos trabalhos que cita têm relação apenas remota com o texto, ao passo que muitos outros, de importância fundamental, lhe passaram despercebidos. E, com receio talvez de dar a seu livro um cunho demasiado erudito, não estabelece, em parte alguma, conexão entre as descrições que apresenta e as fontes que consultou. Tampouco deixa entrever o que é devido a observações pessoais e o que foi respigado nos trabalhos que leu.

Entre os grupos visitados figuram, segundo o prólogo de Miguel León Portilla, os Apapokúva-Guaraní. As danças desses índios descreveu-as pela primeira vez Nimuendajú em seu trabalho inserto em 1914 na "Zeitschrift für Ethnologie" e que não consta da bibliografia arrolada no fim do volume. A autora situa o grupo às margens de um Rio Curuá no sul de Mato Grosso. Ora, o Curuá fica na parte setentrional desse Estado, e lá não existe nenhuma aldeia de Apapokúva. F. Barreto atribui a esses índios uma dança "acyigua", que outra coisa não parece ser senão o episódio da caça a um "anguery" (assombração de defunto), narrado por Nimuendajú e que de dança não tem nada. Entre as danças da tribo figura o "joaza" (palavra interpretada erroneamente como a "parte indiferente" da alma humana), cuja descrição deixa muito a desejar, sobretudo se comparada com a que nos deixou Nimuendajú. Tudo isso logo nas primeiras páginas do livro, bastante representativas para as demais.

Em nossa opinião, o texto deveria ter sido submetido à apreciação crítica de algum especialista em etnologia brasileira, antes que se cogitasse de publicá-lo.

*Egon Schaden*

ALTIVA PILATTI BALHANA: *Santa Felicidade — Um Processo de Assimilação*. 282 págs., com 7 figs. no texto, 27 estampas e 1 mapa. Tip. João Haupt & Cia. Ltda. Curitiba, 1958.

Apesar do grande número, da antigüidade e da importância dos imigrantes italianos nos processos econômicos que envolveram o Brasil meridional, não têm eles merecido muita atenção dos especialistas. A bibliografia sobre eles é pobre, e nenhuma pesquisa de maior fôlego se fez até agora. Justamente o que caracterizou esses imigrantes foi a rapidez de seu processo aculturativo, e se isto é uma dificuldade para a realização de um estudo, é também um incentivo, uma vez que se pode pôr a nu os motivos fundamentais e os mecanismos atuantes no processo.

Esta monografia sobre a colônia de Santa Felicidade vem acrescentar à escassa bibliografia uma pesquisa demorada e séria, fruto de longo contacto com os imigrantes concentrados em um núcleo. Temos aí uma descrição minuciosa da vida das famílias, de suas atividades rotineiras, seus êxitos, seus trabalhos e das inovações que paulatinamente as vão atingindo. O que falta é a tentativa de explicar o processo de assimilação, de esclarecer como funcionam os padrões culturais europeus e como são abandonados ou modificados.

A análise da assimilação, segundo a Autora, visa apenas a “saber em que prazo e até que limite pode um contingente de imigrantes amalgamar-se a uma população nacional, e quais as formas que assume esta amalgamação” (pág. 11). Não se propõe como problemas de estudos de assimilação a dissecação de mecanismos que caracterizem a mudança cultural e que expliquem as transformações, as redefinições e o funcionamento de padrões novos e antigos. Em muitas passagens do livro encontramos referências a inovações que parecem importantes, reveladoras de novas mentalidades e de novas configurações, mas que não são encaradas deste ponto de vista. Por exemplo, à pág. 81, aponta-se a expansão da propriedade agrícola por compra de lotes distantes, onde foram formados ervais, uma vez que a extração do mate nos primeiros lotes era a atividade então mais lucrativa; os lotes primitivos foram sendo usados para outros fins. É um fato que sugere imediatamente uma série de problemas, tais como o ajustamento dos imigrantes ao trabalho da extração do mate com técnicas indígenas, o aumento progressivo da propriedade e o uso dos diferentes lotes para fins diversos. Tentando compreender como e por que os imigrantes encontraram essas soluções, necessariamente estaria em jôgo a função de certas inovações e o porquê de certos conservantismos como explicação das peculiaridades do mecanismo de mudança cultural.

Tal como foi concebido, Santa Felicidade é mais um estudo sobre uma comunidade italiana do que sobre um processo de assimilação, mas dada a seriedade com que foi levantado o copioso material contido no volume, podemos esperar que se lhe acrescentem outros trabalhos que tenham em vista a dinâmica do contacto cultural.

*Ruth Corrêa Leite Cardoso*

YUKIO FUJII and LYNN SMITH: *The Acculturation of the Japanese Immigrants in Brazil*. 56 págs. The Latin American Monograph Series, N. 8. University of Florida Press. Gainesville, 1959.

Trata-se, em essência, da versão resumida de uma tese apresentada por Yukio Fujii à Universidade de Flórida para a obtenção do título de “Master of Arts”. Mediante cuidadosa análise da literatura existente sobre japoneses no Brasil, os autores conseguiram reunir em poucas páginas um conjunto apreciável de informações sobre a situação cultural do elemento nipônico radicado no país. E, considerando-se que não se beneficiaram da experiência direta de uma pesquisa de campo, deve-se reconhecer a segurança com que lograram delinear os contornos gerais do quadro. Estão bem coordenados os dados quantitativos, mas é pobre a análise de outros aspectos, para os quais os informes continuam em geral precários, repetindo-se muitas vezes sem se completar. Daí a maior consistência dos primeiros capítulos, relativos aos movimentos migratórios para o Brasil, à migração interna e à caracterização geral do grupo nipo-brasileiro. O processo de mudança cultural é abordado em três níveis: mudança na estrutura da comunidade, nas instituições sociais e no comportamento grupal. Para ser bem sucedida, a tentativa deveria apoiar-se em pesquisa de campo, já pela complexidade de fatores que não podem ser compreendidos a partir de premissas gerais. Nota-se que os autores tiveram dificuldade em discernir entre mudanças superficiais e outras, de significação mais profunda para a compreensão do processo total. Dado o grau de indiferença religiosa (pág. 14), não parece legítimo apontar a religião, budista ou xintoísta, como entrave sério à aculturação dos japoneses e medir o andamento do processo pelas porcentagens de católicos entre os imigrantes e seus descendentes, embora o critério seja válido para outras etnias.